



Processo Revolucionário no Curso

Comemoraram-se na passada quinta-feira os 39 anos do golpe de estado que pôs fim ao estado novo e inaugurou a terceira república. Passadas quase quatro décadas, o que é que sabemos sobre o que se sentiu no Técnico durante esses dias, como foi vivido o período da revolução, as mudanças que ocorreram durante a mesma? O que ficou dessa altura, o que voltou atrás? Para responder a estas questões sobre um tempo em que alguns dos nossos professores não tinham sequer ingressado no ensino superior, a equipa do Diferencial recolheu o testemunho de várias pessoas que estudaram no IST nessa altura.

Sempre fomos uma faculdade de excelência, o agora engenheiro Martins Victor recorda que nos anos em que frequentou o curso de Engenharia Mecânica "o ensino era bastante exigente, e as cadeiras, sobretudo nos primeiros anos, eram muito difíceis". Se nesse aspecto, mesmo com o processo de Bolonha, o panorama é semelhante - muitos alunos, tanto antigos como actuais, afirmam que o Técnico é não só uma escola excelente como uma das instituições de ensino superior mais exigentes do país - noutras áreas

houve grandes mudanças. O ambiente social dos dias de hoje é bastante diferente do da altura, se hoje a crise está na ordem do dia os estudantes dessa altura, que tinham um nível de vida médio inferior ao actual, tinham outros problemas com que se preocupar. Além dos testes e exames que nos continuam a afligir, era constante o medo de ser recrutado para uma guerra lutada noutra continente, e os momentos mais tensos nas secretarias não eram os pedidos de época especial para acabar o semestre mas os pedidos de adiamento do serviço militar.

A pressão acrescida não fazia com que os alunos se concentrassem apenas nos estudos. Se hoje o envolvimento político se restringe a apenas alguns, naquela altura "Os alunos tinham um elevado envolvimento político contra o regime e eram simpatizantes de diferentes correntes políticas, sobretudo de esquerda e de extrema-esquerda, uma delas praticamente exclusiva do Técnico". As forças de segurança tinham conhecimento do que se passava dentro dos muros do IST e todo o campus era fortemente policiado, sendo comum a presença de agentes policiais dentro das salas de aula e anfiteatros. Os encontros entre estudantes e as forças da autoridade nem sempre eram pacíficos, sendo recordados por antigos alunos os apedrejamentos contra cargas policiais, muitas

A exagerar desde 1990

A melhor fonte para tudo o que não se passou no Técnico, não se passa e nunca se passará. Em princípio.
Página 3

IST: Mais que aulas

Fomos conhecer o projecto Agenda Técnica: um calendário de tudo que se passa por cá.
Página 5



República da Desordem

Há repúblicas em Lisboa, uma delas do nosso IST.
Página 6



Binómio Discriminante

Desta vez, um jogo divertido com Space no nome.
Página 7



Agenda Cultural

Para esta quinzena: cinema moderno, cinema clássico, música moderna, música clássica, arquitectura moderna e arquitectura... um pouco menos moderna.
Página 8

EDITORIAL

Quem viu a montagem de um gigantesco palco no cimo da Alameda e pensou que, secretamente, se estava a preparar um festival ou série de concertos no interior do Técnico rapidamente descobriu que estava enganado, já que a estrutura foi coberta por uma tenda branca que cobria todo o espaço. Essa tenda foi palco da 25ª Jobshop da AEIST, onde várias empresas expuseram as oportunidades de emprego que têm a oferecer aos engenheiros, trocaram contactos e deram a conhecer a sua actividade.

Passaram quase 40 anos desde que um grupo de oficiais de baixa patente conduziu um golpe de estado que derrubou um regime com outros 40 anos e conduziu o país ao regresso à democracia. Recentes protestos têm sido descritos como "a maior desde a do Primeiro de Maio de 74", esta manifestação, que ocorreu poucos dias depois dos acontecimentos referidos, foi composta por cerca de um milhão de pessoas, números nunca repetidos nem numa altura de muita contestação social.

Para comemorar os aniversários destes acontecimentos e dar a conhecer aos actuais alunos o que se passou nesses dias, publicámos nesta edição um artigo feito com base nos testemunhos de alunos que cá estudaram nessa altura. Descobrimos um IST que era o mesmo que é hoje, mas onde ocorreram acontecimentos agora inimagináveis, provocados por anos a viver sob um regime opressivo em que o simples encontro entre alguns amigos na rua podia ser motivo para continuar a conversa dentro de uma esquadra.

A democracia trouxe eleições livres que permitem a cada um de nós escolher quem queremos que nos represente no governo e quem queremos ver gerir o país. Também os alunos do Técnico o podem fazer, as eleições para os Órgãos Sociais da AEIST aproximam-se, cada um de nós tem que ter presente que o voto, consciente, é não só um direito mas também um dever.

vezes executadas contra os esquadrões de cavalaria da GNR, e as subsequentes fugas pela Alameda abaixo. Raras eram as vezes em que não eram deixadas sequelas na comunidade estudantil, tendo muitos protestantes sido presos ou expulsos e impedidos de passar pelos portões do Técnico através de um esquema de acesso mediante apresentação de cartão de aluno, "que através de várias artimanhas várias" foi rapidamente circulado. A capacidade criativa dos futuros engenheiros foi também posta à prova durante vários protestos não violentos. Martins Victor recorda que como os cartazes colados eram retirados pela polícia pouco tempo depois de serem afixados, um grupo de estudantes deu uso aos conhecimentos de Química Geral e, com recurso a balões cheios de hélio, suspendeu do tecto do pavilhão central uma faixa que esteve visível durante dois dias. Sendo este tipo de incidentes era relativamente comum, em 1972 o governo fechou o Técnico, tendo esta sido a última grande medida de punição aplicada antes do 25 de Abril.

Os tempos da revolução foram também agitados, "Foram tempos muito especiais que dizem muito a quem viveu naquela época e que são difíceis de transmitir e perceber pelos alunos actuais." O Verão

Quente de 1975 foi vivido de forma muito intensa em todo o país, IST incluído. Outra fonte, que prefere não ser identificada, viu a sua moto incendiada depois de um confronto entre estudantes de movimentos de extremos opostos do espectro político. A mesma fonte declarou também ter estado numa Reunião Geral de Alunos - a antiga designação das AGAs - bastante acesa, que acabou com uma fuga apresada dos participantes depois de um indivíduo ter entrado no Salão Nobre, onde decorria a reunião, e ter disparado "dois ou três tiros para o ar".

Dessa altura, palco de "episódios únicos que dizem muito aos que os viveram", segundo Martins Victor, sobram apenas memórias, uma vez que das reformas instituídas poucas viveram até aos dias de hoje. Já nos anos 90, com a introdução das propinas, deu-se um breve reviver do activismo estudantil massivo, embora dessa vez a maior parte das reivindicações dos alunos não tenha sido tida em conta. Chegámos assim aos dias de hoje, em que o envolvimento da comunidade é bastante reduzido e não há grande interesse nas políticas estudantis. Voltará o Técnico a ser o que era?

Carlos Moreira



Para comparação, fica aqui uma fotografia do sítio da imagem de capa nos dias de hoje.

ESCOLA DE CONDUÇÃO MONUMENTAL

És estudante?

Tira a carta na Monumental por 400 euros, exames incluídos!



UMA EPOPEIA CONTRA O TEMPO

O Universo é capaz de coisas espantosas. Além dos astros, das estrelas, de todas as coisas bonitas do nosso planeta e de tudo o que nele ainda não compreendemos, é também capaz de ter pressa. Ou pelo menos é isto que um leigo nas lídres da astrofísica entende, em jeito de antevisão do que se irá falar no colóquio que vai acontecer no próximo dia 8 de Maio, dado por Nelson Nunes e com o título de "porque está o Universo a acelerar?" (sala VA3, pavilhão de civil). É isso que entendo: que se o Universo está a acelerar, é da pressa que tem em chegar a algum lado. A questão pertinente seria perguntar 'pressa para chegar onde?', mas compreende-se que é bem mais engraçado e realizável tentar analisar em que se traduz essa pressa, no ritmo dos nossos dias.

Com esta façanha do Universo, a verdade é que cada vez mais vivemos na era da pressa. Em correr para o autocarro, descer rápido as escadas para apanhar o metro cujas portas estão quase a fechar. A pressa de atravessar a passo acelerado a passeadeira no exacto momento em que o semáforo fica vermelho. Ou dentro de um carro, carregar no acelerador mal o verde se torne amarelo. Pressa, por exemplo, para almoçar uma sandes por não haver tempo para sopa, prato e fruta, ou pressa em acabar todos os projectos durante esta semana, para na próxima existir disponibilidade para poder ter pressa à vontade. É a realidade. Isto do Universo e do seu ritmo acelerado roubou-nos o direito a ficar quietos enquanto somos ultrapassados pelo tempo. O direito a chegar tarde sem se incorrer num atraso. Enfim, foi-se o direito à calma.

Um exemplo de quem luta contra este fatalismo: Paul Salopek. Um jornalista que decidiu deixar de ter pressa em ser o primeiro a dar uma notícia, e que por isso decidiu embarcar numa jornada de jornalismo lento. "Out of the Eden, a journey through time", é este o mote da sua aventura. De 2013 até 2020, Paul vai dedicar-se a conviver com pessoas de culturas diferentes, ouvi-las, partilhar... vai ser repórter e escrever sobre alter-

ações climáticas, tecnologia, migrações, tudo isto enquanto viaja desde a Etiópia até à América do Sul. A pé. Lento e sem pressa. De 160 em 160 quilómetros, publicará um registo fotográfico, uma entrevista, sons. Podem acompanhar tudo em "www.outofedenwalk.com". De um lado um homem a caminhar sem correr. Do outro um Universo a acelerar. Tenho para mim que isto é uma espécie de epopeia. E não havendo adamastores, ciclopes, sereias ou ninfas, os desafios e possíveis conquistas coloca-os o tempo, a maior besta alguma vez imaginada.

Fernando Pedro



SEMANA ACADÉMICA DE LISBOA

A Semana Académica de Lisboa (SAL) começa com a Serenata a Lisboa, na Cidade Universitária, a 13 de Maio, logo seguido do espectáculo Cantares a Lisboa, no mesmo local, a 14. Quim Barreiros e Karetus sobem ao palco do Polo Universitário da Ajuda no dia seguinte e a 16 de Maio é a vez dos portugueses Buraka Som Sistema e do DJ, também português, Pete Tha Zouk. Alesso e Orelha Negra actuam a 17 de Maio e a dupla belga Dimitri Vegas e Like Mike e Sean Paul encerram a SAL, a 18.

O passe geral para as quatro noites de festa no Polo Universitário da Ajuda está à venda por 22 euros.



DIFERENCIAL 19

DIÁRIOS DA CRISE INFORMAÇÃO QUE NÃO É MAS PODE VIR A SER

Nota 10

Devido a novos cortes no financiamento superior, o IST foi obrigado a dar as suas notas apenas de 0 a 10, faces aos actuais 0 a 20, mas mantendo a escala. Até agora não houve qualquer queixa por parte dos alunos, muitos entrevistados - estudantes e professores - declararam não ter conhecimento de notas fora dos valores a partir de agora atribuídos.

Técnico seguro

A quantidade de assaltos no IST diminuiu recentemente. Investigações feitas pelo Diferencial levam-nos a concluir que tal acontece devido ao aumento das propinas: os assaltantes já nem se aproximam, pois sabem que os alunos não têm dinheiro.

Eleições na AEIST

Quarenta anos após o ressurgimento das eleições livres em Portugal, a campanha para a AEIST prepara-se no Técnico. Quando questionados acerca das eleições, há alunos que afirmam ainda se lembrar das primeiras - no ano em que faziam ACED pela segunda vez.



DIFERENCIAL FICHA TÉCNICA

Direcção
Carlos Moreira, João Luis, Vasco Rato

Redacção
Alberto Cohen, Ana Coelho, Ana Rodrigues, Beatriz Gonçalves, Cristina Couto, Fernando Pedro, Luísa Bigode, Manuel Reis, Mi Guerreiro, Raquel Santos, Telma Silva, Tomás Hipólito, Sofia Dias

Jornal Diferencial
Associação dos Estudantes do IST
Av. Rovisco Pais, 1049-001 Lisboa
email: diferencial.ist@gmail.com
web: diferencial.ist.utl.pt

Entre Desabafos Desanimados

Segunda-feira, 9h da manhã, uma aula teórica. Num qualquer GA, os alunos entram e sentam-se nas cadeiras de madeira disponíveis, posicionadas em semicírculo, em torno do local no qual o professor estará a palestrar poucos minutos depois. Entre as cadeiras e o centro desse semicírculo, ergue-se um estrato em madeira. Por outras palavras, entre o lugar dos alunos e o do professor: um degrau de madeira separa os dois papéis performativos, a centralização num apenas. O anfiteatro transmite uma ideia de história, de rigor e exigência que pesa. A aula inicia-se, o palestrante pede silêncio e a maioria dos olhares são postos sobre o docente, que inicia a sua exposição da matéria. Mesmo se houvesse dúvidas, e há-as geralmente, o número grande de espectadores, o ambiente austero do anfiteatro e, por vezes, a performance de uma certa superioridade intelectual por parte dos professores inibe o levantamento de qualquer incerteza. Em forma de sussurro, ouvem-se desabafos: "Mas que raio é aquilo?", "Você é desistir disto". Este é o nosso dia-a-dia. Uma forma de ensino alimentada por uma rotina organizada, quase irrefletida nos seus pormenores intransigentes. Afinal, tem de ser assim?

Talvez não. No outro dia, uma amiga minha do ISCTE explicava-me que ter um reduzido número de alunos em cada aula, permita um maior fluxo de reflexão e partilha de conhecimento. O professor conhece os alunos pelos seus próprios nomes e sabe dos seus pontos fracos, o que permite um aumento exponencial da eficiência com que aprendem, com um bom ambiente. No entanto, por cá, os ISTianos parecem ter dificuldade em participar em grupos nos quais se sintam mais representados e menos sós. Talvez um passo importante seja a criação de um espaço para falar entre nós dos nossos problemas enquanto alunos do Técnico. Temos resultados e empregabilidade, mas a que preço?

Ainda sobre educação, o uso ou não de calculadoras no sistema de ensino tem lançado polémica. Há uns dias, Nuno Crato, Ministro da Educação, apresentou um documento para acabar com "o império das calculadoras" nos primeiros ciclos escolares. Crato pretende apostar na capacidade de "decorar" dos alunos e argumenta que a calculadora impede a compreensão da operação matemática que se está a realizar. Curiosamente, por eu concordar que é necessário entender o raciocínio, o porquê e o para quê de operações básicas, é que não me parece que este seja um passo correto. Estes raciocínios são entendidos com a presença de um docente com tempo e condições para os explicar de forma didática e adaptar o seu método às necessidades e dúvidas de cada aluno, não com o reforço do "decorar".

Sim, é prático mecanizar uma operação aritmética. Contudo, o problema é valorizar a memorização, em detrimento da compreensão, o que leva à repetição irrefletida e ao seguimento cego de ordens e frases, retirando tempo para o desenvolvimento de capacidades críticas. Algo ao estilo do videoclip dos Pink Floyd "Another Brick in The Wall". O seguir cego de um "mestre" tem o seu quê de desvantajoso, nem que sejam só os desabafos partilhados numa aula.

Mi Guerreiro

Aprender a Pensar

A educação é um dos aspectos mais importantes da identidade de um povo. A educação determina o pensamento individual e colectivo e é o dinamismo do desenvolvimento cultural de uma sociedade.

A educação e o ensino deve ser uma prioridade para qualquer governo, que deve estimular e melhorar, continua e activamente, a qualidade do ensino, porque isso é fundamental na determinação da personalidade dos seus cidadãos. O objectivo é formar cidadãos autónomos com um forte espírito crítico, questionando continuamente o que os rodeia e com a ambição de serem sempre melhores.

O investimento na educação deve actuar em toda a pirâmide do ensino e deve começar pelos primeiros anos do ensino básico.

Nos últimos anos tem-se assistido a uma formatação e mecanização do ensino, baseada na obtenção de tarefas e objectivos e não na formação do carácter e da mente dos jovens. Recentemente, o governo português decretou o fim do uso de calculadoras no ensino básico. Trata-se de uma decisão lógica e importante, porque hoje os miúdos não são ensinados a pensar! Não é a prioridade. Eles são ensinados a a saber fazer e a memorizar. É mais importante obter classificações positivas nas infinitas provas de avaliação a que são sujeitos e que não são, de longe, a melhor forma de avaliar as aprendizagens dos alunos. Os pais e os professores preocupam-se muito com o desempenho dos alunos nos testes e incutem-lhes esta mentalidade e esquecem-se de "trabalhar" o aluno enquanto pessoa e ser pensante. Eu noto que existe nos jovens de hoje uma grande dificuldade de expressão e de fundamentar de ideias sobre assuntos e temas concretos. Trata-se de um esvaziamento cognitivo da juventude, que terá efeitos nefastos no futuro. Por exemplo, deveria existir no ensino básico e ao longo de todo o percurso curricular disciplinas de pensamento e debate, cujo objectivo seria os alunos dialogarem entre si, debaterem as questões do mundo que os rodeia para formarem ideias e opiniões e desenvolverem o pensamento autónomo. Não existem disciplinas que estimulem o desenvolvimento do aluno enquanto elemento de uma sociedade.

Esqueci-me, existe Formação Cívica, uma cadeira leccionada no 7º ou 8º ano do ensino básico e que ensina a apanhar lixo do chão e tratar os idosos com respeito...

Além disto, devia haver disciplinas ou áreas onde os alunos trabalhassem mais a sua expressão, quer escrita, quer oral, quer emocional.

Outra questão muito importante no percurso escolar é o papel dos professores e a sua relação com os alunos. Na minha opinião, a função de um professor é ensinar e passar conhecimento, mas a sua mensagem é tanto mais eficaz quanto mais honesta e leal for a sua relação com aqueles a quem ensina, os alunos. Se existir conexão e empatia, a mensagem transmitida é passada com muito mais eficácia, porque o aluno sente o professor como uma ponte que o transporta para o conhecimento, o não o vê como um obstáculo ou uma barreira ao seu sucesso enquanto aluno. Não quero com isto dizer que o professor deva ser um grande amigo dos alunos, mas entre professor e aluno tem de se estabelecer uma ligação sincera. E isso é fundamental.

Em jeito de conclusão, gostava de dizer que a minha geração é considerada a geração mais "qualificada" e "instruída" de sempre. É de facto a geração mais "qualificada", porque há muitos diplomas e muitos licenciados e muitas pessoas que percebem de muitas coisas, mas de certeza que não é a mais "instruída", porque questiona-se pouco e mais cedo ou mais tarde por muito qualificada que seja vai estagnar, porque é limitada.

Tomás Hipólito

Big Brother Marciano

Os criadores de um reality show holandeses estão a aceitar candidaturas de pessoas que estejam dispostas a receber um bilhete de ida para o planeta Marte, sem regresso, correndo o risco de enfrentar radiações letais, terrenos não-cultiváveis ou locais de habitação apertados para o resto das suas vidas. O programa quer entrar em exibição em 2023.

Marcha Global da Marijuana

Este sábado 4 de Maio, realiza-se, em diversas cidades do mundo, a Marcha Global da Marijuana. Em Lisboa, o ponto de encontro é às 15h no Miradouro de São Pedro de Alcântara. Segundo a organização, neste ano os moldes desta marcha são diferentes, passando a tomar a forma de uma concentração e festa.

Eleições AEIST

Realizam-se nos próximos dias 15 e 16 de Maio as eleições para os órgãos sociais da AEIST. A campanha eleitoral decorrerá de 6 a 13 do mesmo mês, sendo dado um período de reflexão de dois dias para que cada eleitor possa ter tempo para pensar na sua escolha e dar o seu contributo de forma consciente.



A Boy and his Atom

A IBM produziu o filme mais pequeno do mundo, contado por moléculas de monóxido de carbono manipuladas, uma a uma, sobre uma placa de cobre. As 250 imagens que compõem o filme foram captadas por um microscópio que funciona a -268°C e aumentadas 100 milhões de vezes. Esta pequena história mostra o interesse destes cientistas sobre as propriedades magnéticas dos átomos em superfícies, ao tentarem responder a uma pergunta: quão pequeno pode ser um íman, e ainda assim usá-lo para armazenamento de dados?



IST Weather

IST Weather é uma aplicação de meteorologia com previsões fornecidas pelos servidores do IST. É inteiramente gratuita para iPhone e disponibiliza informação sobre o estado de tempo separando as mais importantes métricas de forma a seres tu quem escolhe o que é mais importante para ti.

A AGENDA TÉCNICA A NOVA PLATAFORMA INFORMATIVA DA COMUNIDADE IST

Lembras-te daquela festa que os teus amigos falaram e que tu faltaste, porque não sabias de nada? Lembras-te daquele professor ter comentado que determinada palestra tinha sido interessante e tu não fazias ideia de que tinha acontecido? Pois é, provavelmente a maioria de todos nós já passou por uma situação semelhante.

Rita Gomes passou, também ela, por este tipo de situações. Assim, farta de ver que muitos dos eventos que decorriam no IST lhe passavam totalmente despercebidos, pôs «mãos à obra» e decidiu criar a Agenda Técnica, «uma página que reúne todas as palestras, workshops, conferências, festas e eventos que decorrem na nossa faculdade.» Esta ideia surgiu-lhe após a sua passagem por este mesmo jornal, onde muitas vezes ficava encarregue da agenda cultural. Só agora, com um semestre mais livre, pôde investir neste projecto e, com a ajuda de um amigo, criou o site da Agenda Técnica. Para Rita, este novo desafio pode, de alguma forma, «estimular a participação e maior adesão de todos os alunos, pois compila e organiza, numa só plataforma, os eventos futuros», o que permite um planeamento prévio por parte da comunidade estudantil. Muitas vezes, devido à falta de disponibilidade gerada pela excessiva carga de trabalho (muito própria da nossa instituição!), os alunos «não dispõem tempo em eventos que não são do seu interesse».

Inicialmente, a procura e a submissão dos conteúdos estava apenas ao encargo de Rita. No entanto, o «passa-palavra» nas redes sociais, proporcionaram, num curto espaço de tempo, uma elevada divulgação do projecto. «Todos os estudantes do Técnico vão preenchendo diariamente a Agenda Técnica, submetendo

vários eventos», disse a aluna. Como a grande maioria destas actividades é organizada por Grupos de Alunos do IST, «este projecto acabou por quebrar barreiras entre os cursos e os vários Grupos de Alunos, uma vez que, através da Agenda Técnica, conseguem chegar a um público muito mais alargado.»

Rita Gomes foi ainda mais longe. Agora, com o objectivo de satisfazer «todo o tipo de carteiras» e de chegar àqueles que passam muito tempo na faculdade, a aluna criou a dita «Secção Low-Cost!». Com este separador, pretende «estimular a participação na vida académica e cultural de Lisboa», mas desta feita direccionada para um público mais jovem.

Além de fazer um balanço bastante positivo deste seu projecto - devido à grande adesão por parte dos Grupos de Alunos -, Rita pretende que «no futuro, A Agenda Técnica seja o primeiro local, que tanto os estudantes, como a restante comunidade do IST, visitem para saber que eventos estão agendados para o dia seguinte». Para Rita Gomes, o Técnico «tem capacidade para atrair pessoas com interesses muito distintos, o que se reflecte no leque tão variado de actividades organizadas pelos Grupos de Alunos.» Estes «Grupos de Alunos não conseguem chegar ao grande público da nossa faculdade e a questão não reside na falta de interesse», mas da não correcta divulgação dos mesmos eventos.



Ana Rodrigues

	5			3			6	4
			2		4			
				8		7	3	
6	1		9	5		4		
		4				3		
		3		1	8		7	6
	6	9		7				
			1		6			
2	7			4			1	

As soluções serão disponibilizadas em diferencial.ist.utl.pt

	6	7			8	1	5	
			5		6			2
	1			7				8
	8	9	1					6
5					2	3	9	
4				8			3	
3			2		1			
	9	8	6			5	2	

AS ESCOLHAS DO DIFERENCIAL

A primeira guerra mundial recebeu essa designação por ter sido o primeiro conflito que opôs duas alianças compostas por estados de vários continentes que mobilizaram toda a sociedade para satisfazer os interesses militares, tendo como única motivação o facto de estarem aliados a países em guerra. Isto fez com que o conflito fosse lutado principalmente nas fronteiras francesas, alemãs e do império Austro-Húngaro, fortificadas por trincheiras criadas numa tentativa de proteger as tropas do fogo de metralhadoras. Este tipo de combate foi bastante diferente do que se conhecia antes, e geraram-se problemas nunca antes vistos pelos soldados. O isolamento e as condições miseráveis das trincheiras, a imprevisibilidade dos ataques, separados por longos períodos de tédio e a baixa consideração das chefias militares pela vida humana, a um nível mais profundo que antes, são descritos por Erich Maria Remarque de uma forma que leva o leitor sentir o desespero vivido por Paul Bäumer e pelos seus companheiros, que passam quase quatro anos afastados da vida que conheciam antes. O facto de ter sido um dos primeiros livros banidos da Alemanha após a ascensão de Hitler pela sua mensagem pacifista e pela forma como demonstra a futilidade da guerra, faz-nos perceber como um bom livro pode ser uma poderosa ajuda para pensar em novos problemas. Mas isto não é novidade, afinal, *A Oeste Nada de Novo*.



A DESORDEN DOS ENGENHEIROS A ÚNICA REPÚBLICA DO IST

República, um nome bem conhecido no meio académico coimbrês. E em Lisboa? Existe alguma que represente o IST? Pois bem, a resposta é do desconhecimento da maior parte dos alunos do IST apesar da sua «publicidade» durante as matrículas no início do ano lectivo. Desordem dos Engenheiros (DE), assim se intitula a «nossa» República, a única exclusiva para alunos do IST que habitam fora de Lisboa. A DE (ex-lar da AEIST e ex-Residência Universitária da AEIST) foi a primeira República a ser criada (1953) em Lisboa (Areeiro) e juntamente com a República do 69 e a do Santo Condestável fazem parte das únicas Repúblicas existentes em Lisboa (ao contrário das 27 existentes em Coimbra). Hoje em dia, a DE não é vista como «uma casa para o estudante pernolar» mas sim como uma comunidade onde reina a camaradagem e a interajuda e onde é possível viver intensamente o melhor da vida académica e boémia. Os primeiros anos vividos na DE por vezes não correspondem às expectativas, superando-as pela positiva. As «experiências vividas na DE cada ano valem por cem» daí comemorarem todos os anos o Centenário (este ano no dia 30 de Abril). A vida boémia é equilibrada com o estudo exigido pelo IST (até porque a DE situa-se acima de um lar de idosos) mas às quintas-feiras os habitantes costumam organizar torneios de sueca, festas temáticas, noites de cinema, «quizzes» e/ou jantaras com colegas e amigos e até mesmo com habitantes das outras Repúblicas de Lisboa (ao contrário de todas as Faculdades de Eng. do país, as outras Repúblicas não acham os habitantes da DE arrogantes ou «nerds»). Neste ambiente, surgem vários momentos épicos (como máscaras do diabo no telhados dos vizinhos, chinelos barulhentos colados no tecto, etc.) que «adoçam» as memórias dos tempos de estudante do IST. Criada como afilhada de uma das Repúblicas de Coimbra,

mantém a tradição de distinguir os habitantes da DE como «Repúblicos», «Plebleus» e «Hóspedes», onde os dois primeiros têm os mesmos direitos e deveres, salvo raras excepções. Os «Plebleus» são os pretendes a «Repúblicos» e não estão autorizados a participar na gestão da DE através da Direcção. Possuem deveres acrescidos, como abrir a porta e atender o telefone (tradição). Os «Hóspedes» são convidados especiais que vivem na DE e como convidados também não podem participar na gestão da casa. Além disso, os «Hóspedes» só podem fazer parte da DE quando existem vagas e podem não ser do IST. Os «Repúblicos» deixam de o ser quando acabam o curso e têm que abandonar a DE. Estas pequenas tradições bem como o espírito académico único levam vários estudantes a preferirem escolher esta República em vez de uma residência ou casa particular. Quais as principais diferenças? A administração da República é inteiramente da responsabilidade dos habitantes da mesma, não havendo uma entidade externa de apoio financeiro ou de qualquer outro tipo de apoio. A mensalidade (110€ na DE) é um dos principais pontos de desempate quando se trata da escolha para a «casa» do estudante e apesar de ser «apetecível» muitos dos alunos hesitam, maioritariamente por receio de diminuir o seu rendimento escolar. Sobre este assunto, a DE salienta que «o rendimento (escolar) é maior do que se vivesse numa casa sozinho pois existe um grande apoio por partes uns dos outros. Além disso, temos uma boa biblioteca». Actualmente, a DE conta com 13 habitantes estando apenas uma vaga aberta. No entanto, a DE dá sempre as boas-vindas a visitantes e tem sempre lugar na mesa para mais um, basta avisar com antecedência. Podes saber mais sobre a DE em [Facebook/desordem](https://facebook.com/desordem) ou em <http://desordem.ist.utl.pt/>.

Telma Silva

BINÓMIO DISCRIMINANTE

Kerbal Space Program

"Nada bate um astronauta" dizem os desodorizantes. Errado, nada bate os engenheiros e controladores de voo que previnem os ditos astronautas de desaparecerem numa bola de fogo no céu. Em KSP é os três.

KSP é um simulador de voos espaciais onde o jogador controla todo um programa espacial a projectar foguetões e pilota-los. Para além de alguns tutoriais e missões soltas, o que define o jogo é o seu modo Sandbox. Neste modo não existem instruções, missões ou pontuações, apenas um jogador com um centro espacial, fundos ilimitados e um sistema solar para explorar.

Porque é que a USSR enviou um Homem para o espaço? Para provar que podia. Porque é que a NASA enviou Homens para a Lua? Para provar que podia. Porque é que um jogador querera mandar um satélite para arder no Sol? Porque pode. KSP é um teste ao engenho, à imaginação e à paciência onde o jogador é o avaliado e o avaliador. Criar uma rede de satélites GPS? Pode. Montar uma estação espacial em órbita de outro planeta? Pode. Uma base espacial na lua? Pode. Conduzir rovers lunares pelos telhados do centro espacial? Pode. Criar um robô humanoide que dispara satélites da testa? Nunca tentei mas é possível.

Em desenvolvimento por uma produtora indie, ganhou recente exposição ao chegar ao top 5 de vendas da plataforma Steam poucas horas depois do seu lançamento, ainda em fase beta. Este facto torna-se óbvio passado alguns minutos: a construção de foguetes pode ser algo temperamental, impossibilitando sem razão o que seria o foguete perfeito; o sistema de física ainda pode ser aperfeiçoado; graves problemas de performance mesmo



em computadores mais potentes; e uma geral falta de substância. Mas a qualidade do que o jogo tem vale pela quantidade que lhe falta. A música que se ouve no espaço transmite tranquilidade no vazio do universo. Ver um foguete desenhado por nós a explodir durante o lançamento é um momento de desgosto, principalmente lançamentos tripulados, enquanto cada missão bem-sucedida nos trás um sentimento de realização inigualável. Com uma comunidade de Mods muito activa é fácil encontrar modificações como pilotos automáticos, asteróides, combustíveis novos, colónias e construção orbital, resolvendo vários problemas do jogo incluído a falta de conteúdo e propósito. Em kerbalspaceprogram.com está disponível grátis uma versão demo onde é possível ter uma ideia das possibilidades do jogo a explorar o planeta Kerbin e as suas duas luas.

Por um lado temos um jogo inacabado, cheio de problemas, por outro temos a maior diversão que alguém já teve num jogo com Space no nome. No fundo é o que se quer, um jogo divertido com Space no nome.

Carlos Costa

LISBOACON 2013 GEST - SECÇÕES AUTÓNOMAS

Foi já há quase dois meses, no fim de semana de 9 e 10 de Março, que decorreu na sede da AERLIS, Associação Empresarial da Região de Lisboa, em Oeiras, a LisboaCon 2013 - 4º Encontro Nacional de Jogos de Tabuleiro.

O evento, de entrada livre, foi organizado pelo Grupo de Boardgamers de Lisboa e o Diferencial conseguiu entrevistar os membros da comissão organizadora:

1. Esta foi já a quarta LisboaCon, quais foram os desafios que, ao longo dos últimos quatro anos, a vossa organização foi conseguindo ultrapassar e quais é que vocês acham que se mantêm ou aumentam com as sucessivas organizações?

Creemos que o maior desafio está sempre em conseguirmos inovar e fazer ainda melhor do que na edição anterior. Ao longo dos anos, outros grandes desafios residiram em garantir um espaço adequado ao evento, na angariação de apoios para o nosso projeto e em disponibilizar no evento uma biblioteca de mais de 500 jogos diferentes.

2. Este ano foi o primeiro em que decorreram as LisboaCon Talks. O que é que vos levou a essa decisão?

A ideia partiu de um dos elementos do grupo que propôs a realização de algumas palestras relacionadas com os jogos de tabuleiro, ao estilo das TED Talks. A partir dessa altura, pensaram-se em quais os temas que poderiam ser interessantes e, com base nos mesmos, identificaram-se quais as pessoas com maior conhecimento em cada um deles. As LisboaCon Talks foram uma experiência bastante positiva e enriquecedora e que em princípio deveremos repetir no futuro.

3. Quais acham que são as principais dificuldades enfrentadas por quem decide empreender nesta área, criando e comercial-

izando novos jogos? O que é que falta fazer para, tanto a um nível individual, como geral, ultrapassar essas dificuldades?

São várias as dificuldades: o mercado em Portugal para este tipo de jogos é pequeno; as lojas regra geral não têm empregados que conheçam minimamente os jogos que vendem para poderem dar informações ao cliente; há uma grande dificuldade em colocar os jogos à venda nas grandes superfícies comerciais; entre outras. Para ultrapassar essas dificuldades é preciso haver empresas da área que consigam com paciência e perseverança ir abrindo o mercado. Nós estamos também a tentar contribuir para esse objetivo, organizando eventos públicos de modo a que os jogos sejam conhecidos por cada vez mais pessoas.

4. Para finalizar, se pudessem escolher um jogo, que toda gente deveria experimentar antes de dizer que não gostam de jogos de tabuleiro, qual seria a vossa escolha?

Não acreditamos "no" jogo perfeito para todos, mas sim que existe "um" jogo perfeito para cada pessoa. Existe tanta variedade de jogos, mecânicas e temas que faz com que a escolha tenha de ser sempre caso a caso. Mas para aqueles mais resistentes que dizem que não gostam de jogos de tabuleiro, deixamos uma boa dica: joguem ao Dixit.

Para quem só agora soube da existência da LisboaCon ou do Grupo de Boardgamers de Lisboa, todas as semanas à quarta-feira e na terceira sexta-feira e sábado seguinte de cada mês, o Grupo organiza no centro comercial Alvaláxia um encontro aberto ao público. Para mais informações sobre estes e outros eventos, vão a www.grupoblisboa.com e a www.abreejogo.com.

Saúl Pereira

AGENDA CULTURAL



Great Gatsby

Adaptado da obra do escritor americano F. Scott Fitzgerald, *O Grande Gatsby*, relata o clima de prosperidade nos Estados Unidos após a Primeira Guerra Mundial. Nick Carraway (Tobey Maguire) muda-se para Long Island e fica fascinado boémia com a vida levada a cabo pelo milionário Jay Gatsby (Leonardo DiCaprio). Uma série de acontecimentos levam Nick a aperceber-se que nem tudo o que parece, é. Com estreia marcada para dia 16 de Maio.

Minimaraton de cinema Shakespeare

Como complemento do ciclo de Shakespeare na música, a Fundação Calouste Gulbenkian propõe uma série de sessões de cinema durante o dia 11

de Maio. O dia começa às 11 da manhã, com a adaptação de Franco Zeffirelli de *Romeu e Julieta*, de 1968, seguido por várias outras adaptações de Shakespeare, como *Sonhos de uma noite de Verão* e *Othello*, de 1935 e 1952 respectivamente. A meio da tarde haverá uma pausa para ouvir uma conferência dada pelo crítico Augusto M. Se abra. Entrada Livre.



Gabriel o Pensador

Dia 7 de Maio Gabriel o Pensador convida-nos a molhar o biscoito no Teatro Tivoli. Assinalando o seu regresso aos palcos Lisboetas, o artista brasileiro apresenta-nos o seu novo álbum "Sem Crise", cuja música "Solitário Surfista" já é um hit da rádio nacional. A não faltar, estarão também os temas "2,3,4,5, meia, 7 8" e "Cachimbo da paz". Esta é uma oportunidade única para ouvir de perto um dos artistas brasileiros mais conceituados em Portugal, na sua área. Um concerto a não perder, com cheirinho a Verão. Preços : 15 a 18 €.

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Hummel, que na sua época foi dos músicos mais reconhecidos do panorama europeu, foi o ponto de partida para a concepção deste programa, constituído pela sinfonia Haffner, de Mozart, e A

Galinha, de Joseph Haydn, bem como pelo Concerto para Trompete e Orquestra do próprio Johann Hummel. Podemos verificar estreitas afinidades entre estas obras, o que fazem todo o sentido, tendo em conta que Hummel foi aluno de Mozart e sucedeu a Haydn na corte de Esterházy. Com encontro marcado dia 12 de Maio, no Centro Cultural de Belém, pelas 17 horas. Preços: entre 5 e 15€.



ARX Arquivo/Archive - Exposição Arquitectura

Em 1993 inaugurava o Centro Cultural de Belém, integrando uma exposição da obra do então jovem atelier ARX Portugal, dos irmãos Nuno e José Mateus. Agora, passados 20 anos, confirma-se a importância do trabalho desta dupla na arquitectura portuguesa, evidenciando a sua acutilância crítica e vontade experimental. ARX Arquivo/Archive é uma exposição centrada na construção de um arquivo. É um arquivo que se constitui, e, dando-se a ver, permite que o visitante o explore, apreendendo o processo de produção arquitectónica, entrando de certa forma na cabeça do arquitecto. Com direito a visitas guiadas e conferências, esta exposição pode ser visitada no CCB de Terça a Domingo. Preço: 2 €, 1 € para estudantes.

CARTOON

